

*(embrulhado em seda branca e servido num momento de perfeição e espontânea simplicidade)*

#### NADA DE ESPECIAL...

Como as cores das nuvens ao crepúsculo.  
Como a folhagem das árvores recortada no céu ao fim da tarde.  
Como o incessante movimento aparente dos astros.  
Como a companhia das moscas denunciando a natureza básica da existência física que com elas partilho.  
Como o corpo habitado por uma consciência que se diverte a criar delírios maiores e menores para assim provar seu gosto inalterável.  
Como cada instante contendo todas as dimensões do espaço e da mente:  
Insuportável delícia!  
Inabalável luxo faraónico!

VP, Assentiz, 27 Setembro 2006



#### **Pomar, Vítor**

1949, Lisboa, Portugal

vive e trabalha em Assentiz, Rio Maior, desde 2003

email: [allgood.vitor@gmail.com](mailto:allgood.vitor@gmail.com)

#### **Exposições recentes e/ou próximas:**

“Deitar as mãos à cabeça”, pintura, Galeria das Antas, Porto, 2006;

“Sedução: pintura e cinema na Coleção Berardo”,

Museu de Sintra, até ao fim do ano, 2006;

“Residências”, Museu do Caramulo (colectiva, 2006):

“Sebastião e Ágata” vídeo, 22 minutos;

Feira de Arte de Lisboa 2006, na Galeria G7 de Coimbra;

“Da paisagem”, colectiva na Galeria Diferença, Lisboa, Novembro 2006;

“Tirar daí o sentido”, Fotografia, desenho, colagem,

Galeria António Henriques, Viseu, Outubro-Novembro 2006.

**Fotografia:** Catarina Costa Cabral, email: [c.costacabral@gmail.com](mailto:c.costacabral@gmail.com)



CASA SENHORIAL D'EL-REI D. MIGUEL  
CASA DA CULTURA JOÃO FERREIRA DA MAIA

6 A 28 OUTUBRO 2006

Horário: Seg. a Sexta das 10.00 h. - 18.30 h.

Sábado das 10.00 h. - 13.00 h.

Tel. 243 999 890 - Fax 243 999 899

# VITOR POMAR

6 A 28 OUTUBRO 2006





1



2



3



4



5

1 Sem título, 2006  
Acrílico sobre tela, 196 x 142 cm

2 Sem título, 2006  
Acrílico sobre tela, 95 x 74 cm

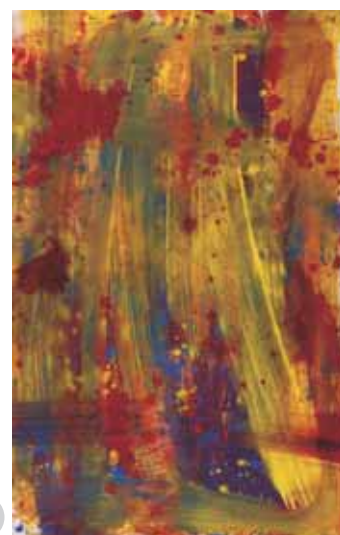
3 Sem título, 2006  
Acrílico sobre tela, 95 x 74 cm

4 Sem título, 2006  
Acrílico sobre tela, 95 x 74 cm

5 O quarto do B., 2006  
Acrílico sobre tela, 149,5 x 149,5 cm

6 Sem título, 2006  
Acrílico sobre tela, 150 x 94 cm

CAPA: Sem título, 2006  
Acrílico sobre tela, 347 x 102 cm



6



### 1. A arte e a vida

A questão é ainda como situar toda esta prática da arte num quadro de referência necessariamente mais vasto e que assim lhe dá um sentido e iluminação.

Para já diria que aquilo a que se chama por bem de relação entre a arte e a vida é uma formulação que tem algo de limitado à partida, isto é, trata-se isso sim do posicionamento perante a realidade e a existência que define como corolário essa questão que é portanto relativamente menor.

Isto quer dizer que a resposta a esta questão está já implícita na nossa visão do mundo, quer queiramos quer não, daí que a maior parte das elaborações que têm lugar acerca das artes assim como as próprias artes, pecam por falta de clareza: é essa clareza que dá à obra um carácter de "clear statement", despojamento e transparência de intermináveis significados...

(...to be continued)

### 2. O estatuto de arte

O trabalho tem uma posição central na organização do universo (mental-experencial) que é a maneira como estamos na vida e a vida em nós.

O risco é crermos na existência real das coisas e de nós próprios: levar a sério o que fazemos é certamente triste e opaco como vivência e exemplo.

O jogo, a essência lúdica e simples da realidade, a existência como denúncia da ilusão que está sempre pronta a apanhar-nos nas suas armadilhas, eis o substrato que não devemos nunca perder de vista.

Tudo toma então uma importância própria que nos permite dizer que jamais há "tempo perdido".

A arte, com os múltiplos jogos de sedução que estabelece com a linguagem, pode ser um instrumento de realização (espiritual).

O estatuto de arte situa-se ao nível do compromisso sócio cultural: trata-se de algo de circunstancial e não absoluto, como haverá muito quem queira fazer crer...

Agrada-me saber que é hoje aceite a nossa capacidade de visitarmos a memória da humanidade que transportamos em nós e em particular sentir que, como pintor nos integramos numa história longa de 25 mil anos (uma das mais antigas profissões).

A liberdade é pois imensa, só igualada pelas nossas auto criadas limitações!

Ressalvo no entanto os termos "história" e "memória", as mais das vezes abusados como tábuas de salvação sabe-se lá de que egos insaciáveis de auto-reconhecimento.

### 3. Libertação

Gestão de carreira, gestão da vida: como prosseguir indefinidamente, após o deslumbramento inicial, sem uma sólida e rica fundamentação?

Trata-se ao mesmo tempo de uma "autorização" (de exercício de uma verdadeira liberdade, de gozo de uma verdadeira e substancial alegria que de facto nos constitui) e de um "reconhecimento" (da natureza da mente e da realidade, por oposição à santa ignorância que de outro modo nos rege e nos toureia, entalados que somos entre ideias falsas - a crença na existência real das coisas tal como nos apercebemos delas - entre desejos e aversões que afinal não podem senão conduzir-nos ao abandono da ilusão e ao desapego que se ressentem como libertação...).

Marca ou reflexo, mais do que metáfora.

Exemplo, convite, autorização, sim.

A falta de exemplos, não será isso que mais nos sufoca e angustia, uma vez atingida a idade adulta e revelado o deserto de sabedoria, a imensidão da ignorância?

Para que nos servem dons e talentos se nos falta o referencial que nos permita com eles crescer?

(...) Percurso impossível na medida em que o objectivo é o caminho, o ponto de partida coincide com o ponto de chegada, a não dualidade considerada como essencial e inalterável: todo percurso (fenómeno) se define como reconhecimento desta irrefutável liberdade...

...círculo fechado sobre si mesmo: só na medida em que lhe reconhecemos a ausência tanto de perímetro como de centro... aí se pode descobrir o sentido de "nem medo nem esperança" que resume a prova da realização, assim como o esgotar das interrogações, o sentido biunívoco do olhar (? : *seeing is enlightenment*).

...por natureza irrepitível: antes de ser irrepitível talvez se possa dizer inexistente (vazio de identidade ou existência própria em si e por si), atributo que não se deve deixar de atribuir à própria vacuidade.

Resta a realização da sucessão dos momentos, tal como a projecção de um filme que a retina não deixará de amalgamar em fluxo e movimento.

Aqui também se encontra a chave da inerência da morte no cerne da própria vivência.

#### 4. Uma visão do mundo

Desde quando é que se trata da dissolução de algo que é apontado como ilusório?

Onde esta a realidade que resiste à análise?

Onde é que se situa a derrapagem da linguagem?

Ou será que vamos chegar ao fim de tanto sangue-lágrimas-suor para voltarmos a instituir o mundo como realmente existente?

Não me faltava mesmo mais nada senão viver essa questão no meu processo de trabalho!

Uma questão é já produto de uma visão do mundo.

A quantidade de pressupostos não reconhecidos como tais e ligeiramente aceites como verdadeiros é realmente vasta e escorregadia.

A investigação fundamental (...) só é válida na medida em que promove a sinergia resultante do encontro da contemplação e da razão lógica e analítica.

Nada é excluído uma vez que não se trata aqui da imposição de um dogma mas de responder a uma interrogação acerca da natureza da existência e da realidade.

Trata-se de 98 % de trabalho de desaprender e de abertura ao inconhecível, que é aquilo que não se deixa espartilhar pela linguagem mas que tão pouco pode ser expresso sem ela.

O que é para si a experiência da morte?

A que corresponde isso?

Diz-se: é a única certeza que temos em vida.

À qual se acresce a incerteza acerca do momento em que surgirá: pode ser que à próxima expiração não se siga qualquer inspiração, tão próxima como isso, quer algo de mais íntimo com que partilhamos toda a vida?

Pode ser que este corpo renitente se arraste por cá ainda várias décadas, acumulando sofrimentos e apegos incalculáveis.

Para chegar a quê?

A uma experiência por exemplo de paz e de desapego irrefutáveis e finalmente assumidos.

Porque não assentar arraias nesse mesmo desapego e paz de espírito desde já, ou pelo menos guardar esse projecto ou aspiração como guia e modelo?

Qual a visão do mundo que daí decorre?

Não estaremos então a aproximar-nos de algo a que merecidamente se pode designar por libertação?

Não se trata aqui de abandono nem de amputação mas sim de visão, descolagem da pele duma asfíxiante realidade.

(à *suivre*...)

#### 5. Dos fenómenos e da mente

a física quântica é certamente útil para os ocidentais conseguirem integrar no seu modo de pensamento factores e noções que de outro modo seriam considerados obsoletos, MAS ainda está para nascer o cientista que por esse caminho atingirá a iluminação ou qualquer coisa de parecido, como por exemplo penetrar no tal sentido da vida, isto é, na natureza da mente e da realidade... de forma irreversível e revolucionária.

Para já haverá que reconhecer que estados alterados são muito mais frequentes do que à primeira vista supomos. Um dos meus preferidos é aquilo a que chamo as alucinações negativas: a quem é que nunca aconteceu procurar desesperadamente algo que de facto se encontrava à vista e em evidência?...

No meu entendimento (que não se sabe o que pode valer, mas para já é o que se pode arranjar), haverá que deitar mão a um outro conceito fabuloso e auto-secreto (de tão simplesmente óbvio e ao mesmo tempo inacessível ao comum dos mortais) e que dá pelo nome de "same taste".

É que, se estivermos atentos ao que se passa, veremos que o que se passa é sempre e apenas o imbricado mecanismo de percepção que começa por uma sensação pura e não-dual a nível dos sentidos e da mente, sobre a qual se projecta todo um arsenal de rótulos, perdendo-se desse modo a pista para chegar ao ponto de partida.

O tal "mesmo gosto" parece-me poder ser posto em relação com o que se designa mais apropriadamente por equanimidade (que se calhar até já vem no dicionário).

O que se pretende com isto, na prática, é que, tudo quanto acontece não pode senão trazer-nos de volta para este reconhecimento da natureza (profunda, óbvia, universal) dos fenómenos e da mente.

É aquilo que se designa por "*suchness*" (fr: *ainsité*; pt: evidência?, qualidade de ser como é?) e cuja prática imperativa se designa por "*dwell in suchness*" (permanecer na evidência).